

O olhar de Modigliani¹²
Michele Melo Reghelin³

“Pã, e todos vós, divindades locais: dai-me alcançar a beleza interna, e que tudo o que eu tenho no exterior fique em consonância com o que trago dentro de mim; rico me pareça exclusivamente o sábio, e seja todo o meu ouro o que apenas o homem temperante necessite e possa carregar”.

*Sócrates
(Fedro, 267, c)*

Humberto Eco (2015) ao falar sobre a beleza na história traz que o conceito de beleza não está ligado ao que se tem e sim, àquilo que por si só é. Na Grécia antiga, a beleza era associada à alguma qualidade, e como resposta à pergunta sobre o que era considerado critério para a beleza, Delphos, o oráculo, respondera que *“o mais justo é o mais belo”* (Eco, p.37), logo a beleza encontrava-se associada com a verdade. O belo deleita os sentidos ao atrair o nosso olhar e audição, porém são as qualidades do caráter e da alma que despertam os olhos da mente.

"Que pensar, então, se fosse dado a alguém ver o Belo em si, íntegro, puro, sem mescla, e pudesse mirar não uma beleza contaminada de carne humana, de cores e de tantas outras frioleiras mortais, mas a própria beleza divina invariável? Acaso - perguntou - supõe mesquinha a vida de um homem que, de olhos postos nesta direção, contempla a dita beleza pelo meio certo e goza de sua presença? Não compreendes que somente nessa altura lhe será dado, mirando a beleza pelo meio certo de mirá-la, dar à luz não simulados de virtude, visto que não está em contato com um simulado, mas virtude verdadeira, pois está em contato com a verdade? E que tendo gerado e criado virtude verdadeira, a ele pertence à estima dos deuses e, mais que a qualquer outro homem, a imortalidade também?"
(Simpósio - Platão)

Nascido em Livorno, Itália, em 12 de julho de 1884, Amedeo Clemente Modigliani (Amadeo em homenagem a Amadée), o irmão da mãe, por suas qualidades morais e intelectuais; e Clemente em memória à irmã da mãe Clémentine, pela bondade, inteligência e pelos “maravilhosos olhos negros”, foi um pintor que se caracterizou por embeber-se da alma humana. A ele foi atribuída a lendária frase: *“Quando conhecer sua alma pintarei seus olhos”*. De fato foi assim, porque ele conseguia enxergar o que os outros não viam, uma vez que conseguia habitar a alma das pessoas e retratar na tela sua compreensão com profunda reflexão. Uma de suas últimas obras - Jeanne Hébuterne in Red Shawl

¹ Artigo publicado na **REVISTA PSICANÁLISE GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO** (2017). São Paulo: Editora Mythos, edição 59.

² Este trabalho foi apresentado no XI Encontro Brasileiro sobre o pensamento de D. W. Winnicott – Psicanálise e Arte: por um viver mais criativo. Porto Alegre, 30 de setembro de 2016.

³Psicóloga; Especialista em Teorias e Psicoterapias Psicanalíticas; Mestre em Psicologia Clínica. Brasil. michelereghelin@gmail.com / www.michelereghelin.com.br

(1917) é prova disso. Finalizada em 1920, ano da morte do artista, ela contém a própria verdade do pintor ao conseguir expressar o amor e a devoção que ele sentia para com sua amada, sem jamais perder a sintonia com o sofrimento vivido por eles. Nesse período, Jeanne estava no final da gravidez de sua segunda filha, essa que não veio ao mundo por conta do suicídio da mãe, decorrente do falecimento de Modigliani. Tratava-se de um período desolador da vida do casal, onde viviam na mais extrema pobreza e num ambiente, por vezes, insano.

Dedo, como fora apelidado, foi um artista que demorou a ser reconhecido. Foi no final de sua vida, quando já estava moribundo, magro, quase sem dentes, assombrado pela miséria e submerso no mundo do álcool, que sua obra começou a ser enxergada. O mundo passou a admirar a delicada produção artística do autor, mas foi somente em 1930 que o seu berço, a Itália, conseguiu reconhecê-lo. Giovanna, sua primeira filha, só conheceu os quadros do seu pai quando estava com 12 anos de idade.

Na ocasião da morte de Modigliani, teria ele murmurado ao médico e ao seu amigo Ortiz: *“Só tenho mais um pedacinho de cérebro, sinto mesmo que é o fim... Beije minha mulher e estamos de acordo para uma alegria eterna”* (Parisot, 2006, p.239). O precoce fim, privado de reconhecimento, o torna atemporal e imortal aos olhos da humanidade, pois sua genialidade também foi garantida por conta de ter conseguido manter-se fiel aos seus próprios princípios, durante toda a sua vida. Ainda que não intencionalmente, ao não seguir uma escola de arte, Modigliani criou a sua arte e inventou-se como pintor, ditado pela sua necessidade de traduzir a emoção para a tela. Ele nunca deixou se institucionalizar e jamais se corrompeu por dinheiro ou outra coisa. Modi morreu pobre financeiramente, porém cheio de grandeza, estabelecendo um marco na vida artística parisiense lembrou Luigi Carluccio: *“Fecha-se uma época da incompreensão, da miséria, da fome e do desespero”* (apud Abril Coleções, 2011, p.26). A arte do pintor não teve herdeiros, no entanto, o artista ficou eternizado por entregar-se às emoções e conseguir tocar a alma das pessoas com seu gesto espontâneo e sua linguagem viva. A sua obra *Nu Couché* de 1917, foi considerada em 2015, o segundo quadro mais caro do mundo, sendo vendido por mais de US\$ 170 milhões, perdendo apenas para Picasso, perene rivalidade...

Curioso, Modigliani foi um artista que nunca se colocou passivamente diante de uma obra do passado, ao contrário, ele sempre as atualizava, como pode ser visto na tela *Jeanne Hebutterne de camisola*, originada do retrato da *Senhora Moitesser*, de Jean Auguste Dominique Ingres (Abril, 2011). Ele era culto, provido de conhecimento técnico além possuir incrível empatia. Desde pequeno, aprendeu filosofia com o avô, ao escutar histórias nas caminhadas que junto faziam. Entusiasta da arte italiana, ele tentava criar a própria verdade sobre a vida, a beleza e a arte, para isso formulando suas verdades, recompondo-as e as revelando em sua construção. A partir das viagens que fez durante a

vida, ocasionadas pela necessidade de obter ar mais puro por conta de sua frágil saúde, Modigliani foi se deixando influenciado pelo clima, criando, então, a sua paleta de cores com seu jogo de luzes, ficando interessado por várias fases da história da arte.

Máscaras, arte negra, arte egípcia... Ele as adorava. Na realidade, ele sonhou ser escultor, e assim como Rodin e Michelangelo, também lamentou a vida inteira não ser pintor. *“Se você soubesse como eu invejo... Eu só faço retratos de um monte de pessoas que não me interessam, enquanto sonho com a escultura desde sempre... Eu pensei ser pintor, mas sou escultor. Eu penso como escultor...”* (Parisot, 2006, p.103). Já dissera seu amigo Brancusi que ele tinha sorte por poder ser os dois. No entanto, com a piora de sua saúde, Modigliani precisou se afastar do pó do mármore, optando então pela madeira, esta que roubava de construções e obras de trens, até que precisou abandoná-la de vez.

“A vida é um dom; de alguns à multidão. Dos que sabem e têm aos que não sabem e não têm.”

Modigliani (Parisot, p.231).

Cada artista coloca em sua obra um pouco de si. Enquanto Frida Kahlo pintou a sua própria realidade, Diego Rivera pintava o que via. Por sua vez, Picasso dizia ser obrigado a pintar o que queria, pois a pintura era mais forte que ele. Margaret Keane pintava olhos grandes por acreditar que são a janela da alma e assim, expressarem as próprias emoções. Amadeo Modigliani pintava seus retratos com olhos fechados e abertos, explicando que um olho é para ver o mundo e o outro é para olhar para si mesmo.

Para Modigliani é o ser humano que interessa, o rosto é soberano: *“Sirvo-me dele incansavelmente”* (Parisot, p.148). E assim pintava o ser vivo na sua frente. Convivendo com grandes artistas, certa vez em uma discussão com Diego Rivera, mostrou seu fascínio por conhecer os enigmas que habitam o humano ao referir que a abstração cansa e mata, logo a paisagem e a natureza morta não existem na pintura. Diego contestava afirmando que a paisagem estava ali para ser agarrada e amada, uma vez que ela vibrava de vida.

Nessa ânsia de desvendar o homem, Modigliani buscava compreender a alma e essência daqueles que posavam para ele. Conta-se ele encontrava as suas modelos na rua, olhava e as convidava para serem pintadas, porém antes caminhava de mãos dadas com elas, como se fossem namorados. Ele vivia a modelo, dando vida a cada retrato que fazia. Quando bêbado, beijava suas esculturas. Ademais, não tinha o costume de usar cenários. A ele bastava o nu da alma exposta.

Numa época em que a fotografia estava em advento, seus quadros também eram reveladores à medida que eram um espaço onde era possível se reconhecer. Ele fazia de sua tela um espelho. Em sua magnitude, olhava a natureza com olhos diferentes da humanidade, desnudando o mundo interior

oculto pela aparência, despido assim na sua vulnerabilidade e graciosidade. Não havia como pintar com os olhos tão longe.

Obstinado e persistente, trabalhava com afinco. Apaixonado e amado pelas mulheres de sua vida, seguiu seu caminho livre das amarras teóricas. No seu velho traje de veludo, com lenço vermelho no pescoço e chapéu com abas largas, sempre andava com um portfolio de desenhos do cartão azul que nunca abandonara. Percorreu as ruas de Paris, seus bistrôs, cafés e ateliers, pintando retratos de amigos, camaradas e garçons. Desenhava ligeiramente, de 100 a 150 desenhos por dia, e em poucas horas ele fazia um retrato de acentuada franqueza. Contudo, nunca dava continuidade a um retrato, se preciso, iniciava do zero. Sobretudo assegurava que o mais importante não era a obra final, e sim, a compreensão do seu processo de desenvolvimento, os enigmas e a impressão provocada em seu descobridor. Era preciso contemplar...

Diante de tal aquiescência e sensibilidade, sua arte ecoa no processo Psicanalítico e, deste modo, Mello Filho (2011) citou as palavras de Bion proferidas em uma supervisão clínica: *“o que eu poderia dizer ao analista ou o que eu poderia dizer aos meus próprios sentidos, se eu estivesse analisando esta paciente, seria: retorne ao coração e pergunte a ele o que foi que ele viu”* (p.318).

Na arte da psicanálise, o analista deve ser capaz de contemplar o seu paciente, olhá-lo e escutá-lo numa atenção flutuante, sempre tentando senti-lo a fim de compreendê-lo. Mello Filho (2011) recordou que para Winnicott é preciso deixar encontrar a cada sessão, um novo paciente, como se fosse o primeiro retrato, além do que, mais do que se preocupar excessivamente com a memória, é importante trabalhar sem uma apreensão constante com o que se passa com o paciente, já dissera Bion. Até porque, o excesso de curiosidade do analista pode provocar mudanças equivocadas, basta lembrar o Édipo, que por ser presunçoso e intrometido, acabou cego quando encontrou sua verdade ao descobrir o seu passado incestuoso. (Mello Filho, 2011).

Nessa descoberta mútua, da construção da relação paciente-analista, um terreno torna-se fértil quando algo é criado e produzido, como uma tela esperando para ser encontrada pelo seu artista. Cada aplicação de tinta confere diferente nuance de uma mesma cor, sendo que cada pigmento acrescido, pode colorir e vitalizar. Com suas pinceladas, camadas podem ser edificadas, tanto para proteger como para esconder, e quando submetido às influências externas, como temperatura, luz e até mesmo um olhar, pode ter seu sentido estético modificado. Tanto quanto o artista é protegido pela intimidade com a sua obra, analista e paciente criam um lugar que lhes confere isolamento e intimidade, ilusão e alento, e que une e integra as experiências novas dando continuidade ao self e ao sentimento de existir (Vilete, 2013). Na presença do outro, o paciente começa supor, se conhecer e habitar-se.

Igualmente a Michelangelo, que referiu tirar do mármore (do caos) as suas belas esculturas, Winnicott advertiu que não temos que pensar o quando é possível fazer, mas o que é preciso fazer para

respeitar a realidade subjetiva do paciente sem deixar de valorizar a realidade objetiva. Um olho para dentro e um olho para fora... Por meio da palavra ou tinta, no setting analítico é oportunizado um ambiente para experimentar os “riscos” já que é capaz de oferecer segurança e contenção, afinal, a espontaneidade só faz sentido quando pode expressa em um espaço de confiança. Portanto, interagir na área intermediária entre a incapacidade do ser humano e, sua capacidade de crescer e aceitar a realidade, no espaço potencial onde a separação não é uma separação, mas uma forma de união, torna o viver criativo. Finalmente, é nessa sucessão rítmica (Honigsztejn, 2014) de tons, no tolerar a angústia do desconhecido e ter contato com o não conhecimento que torna possível pintar os olhos.

Por fim, em carta a Oscar Guariglia, Modigliani o aconselha: “*seu dever é o de nunca se consumir no sacrifício, o seu dever real é de salvar o teu sonho* (Parisot, C. p.47).”

Sábado, 24 de janeiro, às 20h50, as luzes da noite foram apagadas. Modigliani deixou-se levar pela escuridão, sem aflição, com uma injeção que lhe deram para dormir (Parisot, 2006). A morte o buscou antes que pudesse ver o seu triunfo, mas após ele ter olhado todas as suas faces, ainda que, com sua reticencia, só tivesse pintado seu autorretrato antes de partir, pois talvez como Winnicott tenha falado, há algo que jamais poderá ser comunicado a ninguém, como um “*santuário do ser, inviolável e para sempre oculto em nosso ser*” (apud Mello Filho, 2011, p.319).

Com seus olhos infinitos, Modigliani encontrou abrigo no olhar da eternidade.

REFERÊNCIAS

- Abril, Coleções. (2011). *Modigliani*. São Paulo: Coleção Grandes Mestres, v.17
- Eco, H. (2015). *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record.
- Honigsztejn, H. (2014). *A psicologia da criação: um estudo para a criação artística e científica*. Curitiba: Maresfield Gardens.
- Mello, J. (2011) *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Parisot, C. (2006). *Modigliani*. Porto Alegre: L&PM.
- Vilete, E. (2013). *Sobre a arte da psicanálise*. São Paulo: Ideias e Letras.